

A Americanas foi de Mesbla, a Netflix vai de Blockbuster e eu quase fui de Olavo de Carvalho: a construção de fim/morte/falência com o padrão <[IR DE N]> no português brasileiro contemporâneo

Natival Almeida Simões Neto¹

Diego Spader de Souza²

Resumo: Neste artigo, propõe-se uma análise de uma recente construção do português brasileiro que apresenta o padrão formal <[ir de N]> associado ao significado de fim/morte/falência. Alguns exemplos encontrados são: “A Americanas foi de Mesbla”, “spotify foi de guilherme de padua” e “prendi meu dedo na porta e quase fui de Olavo de Carvalho”. As realizações encontradas foram recolhidas de textos escritos por usuários do Twitter e analisadas conforme os princípios teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006, 2012; PINHEIRO, 2016; BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021) e da Semântica Cognitiva (LAKOFF, 1993; LAKOFF; JOHNSON, 2002; FILLMORE, 2009). A interpretação dos dados encontrados se baseou nas seguintes hipóteses: (a) a construção de morte/fim/falência <[ir de N]> é uma instanciação da metáfora conceptual “A VIDA É UMA VIAGEM”; (b) tal construção é decorrente de um processo cognitivo de analogização (FISCHER, 2009; BYBEE, 2016) em que, a partir da construção ir de base, comumente usada em jogos eletrônicos, outras foram sendo criadas a partir do referido mecanismo cognitivo.

Palavras-chave: Verbo ir; Esquema sintático-semântico; Metáfora conceptual; Gramática de construções.

Introdução

Este artigo visa a tratar de uma construção sintático-semântica do português brasileiro contemporâneo que tem sido usada, sobretudo, em ambientes virtuais. Trata-se do padrão <ir de N>, que instancia estruturas como *ir de base*, *ir de arrasta pra cima*, *ir de Mesbla*, *ir de Rainha Elizabeth*, *ir de Olavo de Carvalho*, *ir de Americanas*, *ir de Guilherme de Pádua*, *ir de Blockbuster*, entre outras. Tais realizações apontam para um significado de morte, falência, extinção, fim e similares. Objetiva-se analisar a referida construção, seguindo conceitos e princípios da Semântica Cognitiva, sobretudo aqueles desenvolvidos nos trabalhos de Lakoff

¹ Professor Assistente-A da Universidade Estadual de Feira de Santana, onde atua na graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Doutor em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Licenciado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: nativalneto@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7972-2396>.

² Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduado em Letras – Português/Inglês pela Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. E-mail: dspadersouza@gmail.com. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8989-4669>.

(1993), Lakoff e Johnson (2002) e Fillmore (2009), e da Gramática de Construções Baseada em Uso, nos termos de Goldberg (2006, 2012), Fischer (2009), Bybee (2016), Pinheiro (2016), Traugott e Trousdale (2021), entre outros. Os dados analisados são oriundos de textos escritos por brasileiros, entre os anos de 2010 e 2023, na rede social *Twitter*. As ocorrências foram encontradas por meio da ferramenta de busca disponibilizada pelo próprio *site*. Como chaves de busca, foram utilizadas as expressões “ir de”, “vai de”, “foi de”, “vou de”, “fui de”, “fosse de”, entre outras possibilidades flexionais do verbo *ir* associadas à preposição *de*. Nesse levantamento, foram encontradas outras realizações que não correspondem à construção que é foco de análise deste artigo, mas essas não foram descartadas, sendo exploradas no quadro de análise, com o intuito de diferenciar a construção de morte/fim/falência de outras construções formalmente similares.

A linha de análise que se defende neste artigo é constituída de dois aspectos principais. O primeiro é que a construção de morte/fim <ir de N> é uma instanciação da metáfora estrutural “A VIDA É UMA VIAGEM”, tratada por Lakoff e Johnson (2002), que sugerem que essa conceptualização da vida tem desdobramentos que alcançam a compreensão de vários fatos significados da vida, incluindo a morte. O segundo diz respeito ao mecanismo de analogização observado no comportamento da construção, uma vez que a partir da provável construção-modelo <ir de base>, outras foram criadas de forma instantânea e seriada. Esse aspecto será desenvolvido, de forma mais apurada, na seção de análise.

Feitas as considerações iniciais nessa seção de INTRODUÇÃO, o artigo se divide da seguinte maneira: (a) na seção NOÇÕES BÁSICAS DE SEMÂNTICA COGNITIVA, são apresentados os pressupostos dessa teoria, destacando-se conceitos-chave, como *frame*, *metáfora*, *metonímia*, *expressão metafórica*, *domínio-fonte*, *domínio-alvo*, sobretudo por meio da metáfora estrutural “A VIDA É UMA VIAGEM”, que é bastante cara à análise empreendida; (b) na seção NOÇÕES BÁSICAS DE GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES, são apresentados os pressupostos desse modelo, destacando-se conceitos-chave, como *construção*, *constructicon*, *esquema*, *composicionalidade*, *esquematicidade* e *produtividade*; (c) na seção CONSTRUÇÕES COM VERBO *IR* EM LÍNGUA PORTUGUESA, são retomadas construções com verbo *ir*, como a de deslocamento, as perífrases de futuridade, as construções no domínio da contrafactualidade e as de verbo-suporte com o padrão <ir para SN>, que foram estudadas por outros autores; (d) a seção PROPOSTA DE ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO <IR DE N> traz o desenvolvimento analítico deste trabalho, apontando, inicialmente, construções

formalmente similares (mas funcionalmente diferentes) e, depois, particularizando a construção de morte/fim/falência, em termos de restrições formais e funcionais; (e) por fim, as conclusões são feitas nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, que são seguidas das REFERÊNCIAS.

Noções básicas de Semântica Cognitiva

Subárea do modelo que ficou conhecido como Linguística Cognitiva (CROFT; CRUSE, 2004), a Semântica Cognitiva designa um grupo de teorias semânticas que compartilham princípios relacionados à natureza do significado e à relação entre linguagem e cognição. De acordo com Evans, Bergen e Zinken (2007), a Semântica Cognitiva se ocupa da tarefa de investigar as relações entre experiência, o sistema conceptual e a estrutura semântica. Do ponto de vista da Semântica Cognitiva, a linguagem é como uma lente, através da qual é possível compreender os diversos fenômenos cognitivos.

Quatro princípios guiam a Semântica Cognitiva: (i) a estrutura conceptual é corporificada, (ii) a estrutura semântica é a estrutura conceptual, (iii) a representação do significado é enciclopédica, e (iv) a construção do significado é a conceptualização (EVANS; BERGEN; ZINKEN, 2007).

O primeiro princípio, o qual dita a forma como a Linguística Cognitiva compreende o que é a cognição, designa o modo como a formação dos conceitos (as estruturas conceptuais) é mediada pela experiência corporificada dos falantes no mundo. O segundo princípio apontado pelos autores faz referência a como a linguagem não refere o mundo real, objetivo, mas sim o entendimento desse mundo gerado na cognição através da experiência. Ou seja, a Semântica Cognitiva rejeita os pressupostos das abordagens de caráter objetivista. O terceiro princípio dá conta da natureza do significado, que é enciclopédico, uma vez que está ancorado na experiência dos falantes. A estrutura semântica dá acesso a um inventário de conhecimento estruturado (a estrutura conceptual) (SOUZA, 2019). Por fim, o último princípio se relaciona a como a linguagem não carrega significados a priori; unidades linguísticas são pontos de acesso para conceitos mentais.

Talvez uma das melhores formas de ilustrar o que seria a relação entre semântica e conhecimento enciclopédico seja através do conceito de *frame* semântico. Introduzido na linguística por Charles Fillmore (2009), o *frame* designa um sistema de conceitos, um pequeno

pedaço da estrutura conceptual. O conhecimento que um falante tem de um evento ou situação ganha representação em termos conceptuais; é a essa estrutura de conhecimento que Fillmore dá o nome de *frame*. Para o linguista, itens lexicais servem de ponto de acesso para essas estruturas. Palavras como *garçom*, *cardápio*, *cliente*, *conta* e *mesa* ativam um *frame* de Restaurante, ou seja, uma esquematização daquilo que se sabe sobre esse cenário. Nesse sentido, diz-se que as palavras evocam *frames*. Segundo Souza (2019, p. 74), “[a] inserção de uma determinada palavra ou expressão na fala ou em texto ativa o *frame* a ela relacionado, possibilitando a compreensão. Em outras palavras, o entendimento dos itens lexicais pelos falantes subjaz os *frames*”.

A relação intrínseca entre linguagem e estrutura conceptual postulada pela Semântica Cognitiva está no cerne de outra teoria cognitivista, a da Metáfora Conceptual. Desenvolvida por George Lakoff e Mark Johnson, a partir da publicação do livro *Metaphors we live by*, em 1980, a teoria postula uma quebra com a visão objetivista da metáfora, na qual o fenômeno é reduzido a simples recurso de estilo usado na literatura, por exemplo. Para Lakoff e Johnson (2002), a metáfora é definida, assim como o *frame*, como uma estrutura mental, em que ocorre a projeção de um domínio de experiência sobre outro (SCHABARUM, 2019). Isso significa que a metáfora funciona como uma forma de compreender um conceito nos termos de outro. Uma metáfora muito emblemática, apresentada por Lakoff e Johnson (2002) em sua obra seminal, é a “DISCUSSÃO É GUERRA”, que pode ser evidenciada a partir de diversas expressões metafóricas, como “Seus argumentos são indefensáveis” e “Ele atacou todos os pontos fracos da minha argumentação” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46).

A partir desse exemplo, percebe-se que o conceito de DISCUSSÃO é conceptualizado a partir do conceito de GUERRA. Esses dois domínios, na Teoria da Metáfora Conceptual, recebem os nomes de domínio-fonte e domínio-alvo (KÖVECSES, 2010). Na metáfora “DISCUSSÃO É GUERRA”, a ideia de discussão, expressa linguisticamente pela expressão metafórica, é o domínio-alvo, enquanto a ideia da guerra designa o domínio-fonte.

Para este artigo, uma metáfora importante a ser mencionada é “A VIDA É UMA VIAGEM”, que, segundo Lakoff (1993), pode ser percebida em instanciações metafóricas do tipo “Eu estou onde quero estar na vida”³, “Eu estou numa encruzilhada em minha vida”⁴ e “Ele

³ “I’m where I want to be in life” (LAKOFF, 1993, p. 223).

⁴ “I’m at a crossroads in my life” (LAKOFF, 1993, p. 223).

nunca deixou ninguém entrar em seu caminho”⁵ (LAKOFF, 1993, p. 223, tradução nossa). Nas sentenças, vê-se que aspectos da vida são entendidos a partir da noção de espaço e de deslocamento. Lakoff (1993) também menciona a metáfora “A MORTE É UMA VIAGEM”, que herda características da metáfora “A VIDA É UMA VIAGEM” e pode ser percebida em uma frase tão simples como *Ela se foi*. Neste trabalho, será visto como os casos com a construção de morte/fim/falência com <[ir de N]> se relacionam com a metáfora “MORTE É PARTIDA”.

Por fim, outro conceito caro à Semântica Cognitiva, e que muito interessa no âmbito deste trabalho, é o da metonímia, fenômeno compreendido por Lakoff e Johnson (2002) como um subtipo de metáfora. Segundo Song (2011), ainda que a metonímia seja assim considerada, ela possui um mecanismo diferente; enquanto a metáfora opera a partir da proximidade entre conceitos (de modo que características de um conceito são usadas na compreensão de outro), a metonímia designa um relacionamento que de fato existe entre dois elementos. Seja considerada a seguinte frase (LAKOFF; JOHNSON, 2002): “O *sanduíche de presunto* está esperando sua conta” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 91, grifo dos autores).

O sanduíche de presunto, aqui, designa uma pessoa, um cliente em um restaurante que pediu um sanduíche de presunto. Não se trata de expressão metafórica porque não se entende *sanduíche de presunto* a partir da imputação de características humanas a ele. *Sanduíche de presunto*, no exemplo, se torna a própria pessoa; é uma referência direta. Outro exemplo dado pelos autores é “Ele gosta de ler o *Marquês de Sade*” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 92, grifo dos autores), em que *Marquês de Sade* toma o lugar de *os escritos de Marquês de Sade*.

Em suma, nesta seção, foram vistos os conceitos da Semântica Cognitiva que, mais adiante, nos permitirão analisar os casos da construção <[ir de N]>. Na próxima seção, é feita uma breve apresentação do conceito de construção à luz da teoria da Gramática de Construções.

Noções básicas de Gramática de Construções

O modelo conhecido como Gramática de Construções (GC) surge no âmbito da Linguística Cognitiva, em meados da década de 1980. Inicialmente, tinha como foco capturar

⁵ “He’s never let anyone get in his way” (LAKOFF, 1993, p. 223).

as construções idiomáticas das línguas, pois a tradição gerativista hegemônica à época se voltou para as construções sintáticas regulares, ao passo que os idiomatismos eram relegados ao léxico, tratado como o lugar das irregularidades nesse enquadramento teórico. Entre os principais teóricos dessa fase inicial da GC, estavam Charles Fillmore, Paul Kay e Mary Catherine O'Connor, que, juntos, produziram o artigo “Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone” (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988).

Na década de 1990, o trabalho de Adele Goldberg (1995) sobre as construções argumentais contribui para a expansão da GC, que passa a abordar também as construções regulares. A partir daqui, há a fixação do conceito de construção para esse modelo: “construções são pareamentos armazenados de forma e função, incluindo morfemas, palavras, expressões idiomáticas, padrões linguísticos gerais, parcial ou completamente preenchidos lexicalmente” (GOLDBERG, 2012, p. 191). Em relação ao pareamento forma-função que caracteriza todas as construções, pode-se assumir, com base em Croft (2001) e Pinheiro (2016), que o polo formal aborda características fonológicas, morfológicas, morfossintáticas, sintáticas e prosódicas, já o polo funcional pode englobar características semânticas, pragmáticas, discursivas e estilísticas. A presença e a ausência de determinadas características dependem da complexidade de cada construção.

O inventário de construções das línguas, segundo a GC, é registrado em um *constructicon* (cruzamento entre *construction* e *lexicon*). Esse léxico de construções, ou construcionário, se organiza por meio de redes hierárquicas e, no uso, essas construções interagem e se combinam, na medida em que são compatíveis entre si. Tal mecanismo de combinação de construções é chamado de compatibilização (GOLDBERG, 2006). Pinheiro (2016) apresenta alguns tipos de construções que podem integrar o *constructicon* de falantes do português brasileiro. O Quadro 1 reproduz os exemplos de Pinheiro (2016).

Tipo de construção	Exemplo
Palavra	Árvore
Expressão fixa	Bom dia; cada macaco no seu galho
Esquema morfológico	Re+base verbal (ex: <i>rearrumar</i> ; <i>refazer</i>)
Esquema sintático semipreenchido	Que mané X; Que X o quê (ex: que mané férias; que férias o quê)
Esquema sintático aberto	SVO (ex: <i>Réver cabeceou a bola</i>)

Padrão entoacional	Ascendente
--------------------	------------

Quadro 1 *Continuum* de construções gramaticais. Fonte: Pinheiro (2016, p. 26).

Traugott e Trousdale (2021), ao analisarem as propriedades das construções, estabelecem que há três fatores básicos aos quais todas as construções estão susceptíveis: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. Sobre tais fatores, vejam-se os excertos a seguir:

Esquematicidade é uma propriedade de categorização que crucialmente envolve abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não [...]. Em nossa visão, esquemas linguísticos são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções [...]. São abstrações que perpassam conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como sendo estreitamente relacionadas na rede construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 44, grifo nosso).

Produtividade é um termo que tem sido usado de muitas maneiras diferentes. Barðdal (2008, capítulo 2) oferece uma visão geral e uma análise valiosa de vários usos diferentes do termo. Em nossa perspectiva, a produtividade de uma construção é gradiente. Pertence a esquemas (parciais) e diz respeito a (i) sua extensibilidade (Barðdal, 2008), o grau em que eles sancionam outras construções menos esquemáticas, e (ii) o grau em que eles são restringidos [...] (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 50, grifos dos autores).

A *composicionalidade* diz respeito ao grau em que o elo entre forma e significado é transparente. Ela é geralmente pensada em termos tanto de semântica (o significado das partes e do todo) quanto das propriedades combinatórias do componente sintático [...] (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 53, grifo nosso).

As propriedades apontadas por Traugott e Trousdale (2021) não devem ser entendidas como conceitos tudo-ou-nada. Isso é dizer que composicionalidade, esquematicidade e produtividade são conceitos gradientes, e uma construção pode ser mais ou menos esquemática, composicional e produtiva que outra dentro de uma espécie de *continuum* (BYBEE, 2016).

Neste artigo, pretende-se analisar o padrão sintático-semântico <[ir de N]>, com o significado de fim e morte. Do ponto de vista da *esquematicidade*, trata-se de uma construção semiesquemática, pois há uma parte fixa e inalterável no esquema e outra variável, que deve ser preenchida com nomes que sejam compatíveis com o significado da construção. Em relação à *produtividade*, a construção pode ser considerada produtiva, na medida em que os falantes do português podem compatibilizar novos elementos com a construção, gerando, a partir disso,

construções mais fechadas e específicas. Por fim, no que tange à *composicionalidade*, a construção pode ser considerada menos composicional, uma vez que o significado da construção não resulta da soma dos significados individuais das partes.

A construção <[ir de N]> aqui estudada é de uso recente no português brasileiro e parece se relacionar com outras construções de padrões formais similares, mas que se diferenciam do ponto de vista do significado. Intenta-se, portanto, descrever parte da rede construcional do esquema <[ir de N]>, considerando os diferentes usos e a interação entre eles.

Construções com verbo *ir* em língua portuguesa

O verbo português *ir*, segundo Houaiss e Villar (2009) e Cunha (2007), tem origem no latim *īre* ‘passar de um lugar para outro, partir, andar, avançar’. O quadro flexional desse verbo, segundo Camara Júnior (1975), é caracterizado por um fenômeno conhecido como supletivismo. Embora o paradigma do verbo *īre* fosse regular no latim, no português, o verbo *ir* não herdou todas as suas flexões, apresentando falhas paradigmáticas. A fim de suprir as lacunas do referido paradigma, foram tomadas formas oriundas de outros verbos latinos, *vadēre* ‘avançar, caminhar, ir’ e *esse* ‘ser’, esse último através do radical de perfectum *fū-*. É por isso que o verbo *ir*, tido como um dos exemplos de verbo anômalo do português, apresenta formas que aludem a *īre* (*ides, ia, íamos, iria, irei*), *vadēre* (*vai, vou, vão, vá, vades*) e *esse/fū-* (*foi, fui, foste, fosse, fora*). Bastante usual no português, o verbo *ir* pode ser visto em várias construções da língua, algumas com o significado etimológico de deslocamento, outras não. A fim de apresentar os diferentes usos do referido verbo, foram usados trabalhos de Rammé e Wachowicz (2014), Travaglia (2014), Andrade (2017) e Souza Guerreiro (2021).

O primeiro desses trabalhos, de Rammé e Wachowicz (2014), foi feito na perspectiva formalista/gerativista da Nano-sintaxe. As autoras discutem a construção <Verbo de movimento + Preposição> no português brasileiro, explicando as diferenças entre realizações como “Ele foi no mercado” e “Ele foi para o mercado” (RAMMÉ; WACHOWICZ, 2014, p. 197), tanto no que toca à semântica quanto no que diz respeito à projeção sintática. Mesmo o trabalho de Rammé e Wachowicz (2014) não fazendo uma abordagem construcional, é possível interpretar o fenômeno por elas estudado pela perspectiva da GC. É aceitável dizer que o padrão

esquemático <Verbo_{MOV} + preposição> pode ter o *slot*⁶ do verbo preenchido com *ir*, que, assim como *partir*, *correr*, *vir*, *sair* e *entrar*, é um verbo de movimento. Essa construção está relacionada com o sentido mais literal e original do verbo. Vale ressaltar que as instanciações dessa construção devem explicitar o lugar para o qual é feito o movimento. Logo, em termos construcionais, essa construção poderia ser <[V]_{MOV} prep [SN]_{LOC}>⁷.

Travaglia (2014), por sua vez, em obra que discute o aspecto no português, comenta sobre estruturas perifrásticas, destacando aquelas encabeçadas pelo verbo *ir*: <*ir* + verbo no infinitivo> e <*ir* + verbo no gerúndio>. Sobre <*ir* + verbo_{INF}>, o autor explica que esse padrão “marca tempo futuro com todas as flexões temporais com que é possível” (TRAVAGLIA, 2014, p. 199). Os exemplos de Travaglia (2014, p. 199, grifos do autor) incluem “A execução vai sair às oito horas”, “Ia chover por isso resolvi não sair” e “Mesmo que a bomba vá explodir daqui a duas horas, é bom todos abandonarem a área imediatamente”. O autor chama a atenção para casos em que, por conta da semântica do verbo principal, ou mesmo do tempo verbal em que o verbo *ir* se encontra flexionado, a perífrase pode não acionar uma ideia de futuridade, mas de deslocamento para o lugar onde a ação expressa pelo verbo principal se realiza. Exemplos disso são: “Maria foi tomar conta do bebê de Marina” e “As meninas foram apanhar jabuticaba” (TRAVAGLIA, 2014, p. 199, grifos do autor). Em relação a <*ir* + verbo_{GER}>, Travaglia (2014) explica que essa construção “marca o aspecto durativo com qualquer flexão verbal. Ela apresenta a situação como tendo desenvolvimento gradual, isto é, marca a ideia de progressividade” (TRAVAGLIA, 2014, p. 200). Exemplos por ele dados são: “Os anos vão passando e não consigo encontrar um amor”, “João foi construindo a casa nas suas folgas” e “Você irá catando o feijão para mim” (TRAVAGLIA, 2014, p. 200, grifos do autor). Embora as construções trazidas por Travaglia (2014) não sejam o objeto principal deste artigo, importa mencionar que a ideia de futuridade, expressa na construção <*ir* + verbo_{INF}>, e o aspecto durativo, relacionado ao padrão <*ir* + verbo_{GER}>, são usos metaforizados que se revelam em um processo maior de gramaticalização⁸. Não raramente, expressões relacionadas à

⁶ Na GC, um *slot* é uma categoria aberta e variável dentro do esquema.

⁷ Uma análise cognitivista da construção <*ir* prep [SN]_{LOC}> pode ser encontrada no trabalho recém-publicado de Ferrari (2023).

⁸ Na tradição funcionalista, gramaticalização é o processo em que um item lexical se torna mais gramatical, como um substantivo passando a conjunção ou a pronome, ou um advérbio passando a conjunção. Há casos em que elementos gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, como preposições passando a prefixos. Nos casos aqui mencionados, a gramaticalização está relacionada ao fato de o verbo *ir*, um elemento lexical, se comportar como uma espécie de verbo auxiliar que contribui apenas com informações gramaticais, como marcação de tempo e/ou aspecto. Alguns exemplos de gramaticalização no português podem ser vistos no trabalho de Lopes (2015).

espacialidade, como os verbos de deslocamento e as preposições locativas, são abstratizadas e usadas em contextos temporais.

Andrade (2017), por sua vez, trabalhou com construções com o verbo *ir* do português brasileiro contemporâneo que estivessem no domínio da contrafactualidade, ou seja, num plano de hipótese e/ou suposição em que cabem ideias de probabilidade/possibilidade, condição e aceitabilidade. A rede construcional relacionada ao domínio em questão é reproduzida na Figura 1 a seguir:

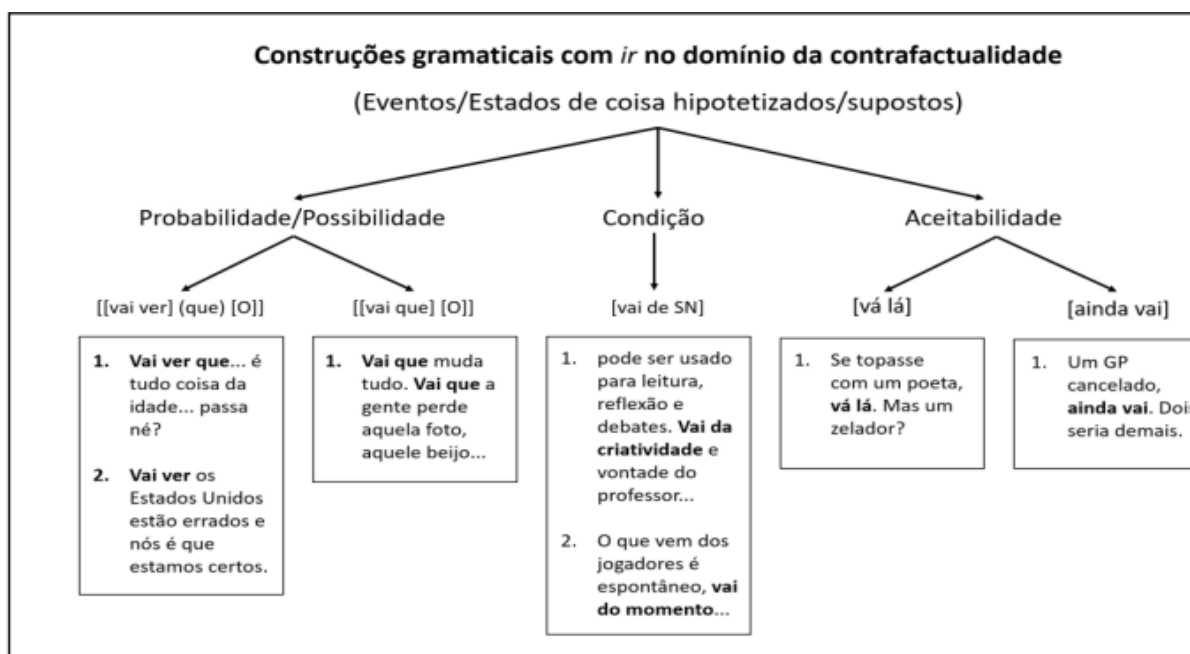


Fig. 1 Construções com *ir* no domínio da contrafactualidade. Fonte: Andrade (2017, p. 72).

Com base na rede hierárquica e nos exemplos constantes na Figura 1, é possível identificar que o verbo *ir* se encontra metaforizado: a ideia é de que há um deslocamento para o cenário discursivo-textual da suposição/hipótese. Isso também é bastante comum no processo de gramaticalização. Vale mencionar que, nesses casos, diferentemente do que aconteceu nas construções analisadas por Rammé e Wachowicz (2014) e Travaglia (2014), os padrões analisados por Andrade (2017) são fixos em relação à especificação da flexão modo-temporal e número-pessoal do verbo *ir*, como se pode ver através das marcações *vai ver que*, *vai que*, *vai de*, *ainda vai*, *vá lá*.

Por último, Souza Guerreiro (2021) trabalhou com o padrão construcional <*ir* para SN>, que tem instanciações como “*ir* para o céu”, “*ir* para o inferno”, “*ir* para o Beleléu” e “*ir* para

as cucuias”, entre outras. A autora explica que o verbo *ir* nesses exemplos funciona como um verbo-suporte/verbo leve e indica um movimento metaforizado. Quanto ao significado de morte visto nesses casos, Souza Guerreiro (2021) explica:

As microconstruções “ir para o céu”, “ir para o inferno”, “ir para as cucuias” e “ir para o Bebeléu” tendem a ser relacionadas ao significado de morte, por exemplo: (a) Faz um mês que João foi para o céu; (b) Faz um mês que João foi para o Bebeléu; (c) Faz um mês que João foi para as cucuias. No entanto, observa-se uma extensão semântica no significado dessas microconstruções, por exemplo, (a) Meu cabelo foi para as cucuias; (b) Fiz o plano de ir ao cinema, mas meu plano foi para o Bebeléu; (c) João chutou a bola tão forte que foi para o Bebeléu (SOUZA GUERREIRO, 2021, p. 146, grifos da autora).

Diante do excerto do texto de Souza Guerreiro (2021), nota-se que a construção <ir para SN> está envolvida em uma rede metafórica em que a morte é entendida como um deslocamento, e a experiência concreta da morte é usada para a compreensão de outras situações, como quebra de expectativas, fracasso de planos, desaparecimento ou estrago de alguma coisa. É importante destacar o papel semântico dos SNs que preenchem essa construção estudada por Souza Guerreiro (2021): eles evocam um *frame* de morte, dentro de uma compreensão metafórica da morte como um deslocamento, isto é, ao morrer, o ser humano vai para algum lugar, e os nomes desses lugares preenchem o *slot* SN na referida construção.

Em suma, o objetivo desta seção foi mostrar que o verbo *ir* figura em diferentes construções da língua portuguesa, podendo essa construção manter um significado mais literal do verbo ou mais metaforizado e/ou gramaticalizado. Ainda que as construções apresentadas nesta seção contenham o verbo *ir* na sua contraparte formal, são semântica e pragmaticamente diferentes da construção investigada neste artigo, o que não quer dizer que não possa haver relação/interação entre elas.

Os motivos para o verbo *ir* integrar tantas construções da língua portuguesa não são desconhecidos, mas também não são pontos pacíficos. Sem querer se comprometer com uma linha de análise específica acerca desse aspecto, destaca-se que, do ponto de vista formal, um fator facilitador pode ser a configuração fônica do item. A estrutura formal do verbo *ir*, em todas as suas flexões, é constituída de poucos fonemas. Esse parece ser um aspecto importante, já que verbos como *ser*, *ter*, *dar*, *estar* e *fazer* aparecem também em diversas construções, ao passo que verbos como *considerar*, *colaborar*, *desmerecer* e *reivindicar* não costumam

aparecer com a mesma frequência. Em linhas gerais, os verbos leves tendem a ser econômicos do ponto de vista fonológico. Do ponto de vista funcional, um fator facilitador pode estar relacionado à semântica de *ir* estar ligada a *frames* de espaço e deslocamento, que constituem importantes bases de compreensões metafóricas na língua (LAKOFF, 1993; KÖVECSES, 2010), o que faz com que o verbo seja convocado para construções com diferentes significados.

Proposta de análise da construção <ir de N>

Antes de entrar na análise da construção de fim/morte/falência com o padrão <ir de N>, é preciso apontar que essa configuração formal está associada a, pelo menos, três outras construções da língua, que serão comentadas brevemente. A primeira está relacionada com os dados em (1), que vão de (1a) a (1f).

- (1) a. acordei cansado, já vi que não *vou de ônibus* pro trabalho (TWITTER: @GR8DOM, 2023).
 b. Preciso dividir isso : Ontem minha mãe e eu *fomos de metrô* até o Flamengo e lá vimos um patriotário [...]. (TWITTER: @SILVAANA08, 2022).
 c. o uber querendo me enganar para cobrar mais caro minha viagem, cancelei e *vou de metrô* mesmo. (TWITTER: @SUN_BLUESIDE, 2023).
 d. E o meu pai que está tão acostumado a *andar de carro* e hoje *foi* para o trabalho *de ônibus* e entrou na porta errada kkkk. (TWITTER: @ELLE_CORD, 2019).
 e. fiz o cabelo crente que ele *viria de carro*, o vento bagunçou meu cabelo todo (TWITTER: @GRACIIBELMIRO, 2022).
 f. Se eu virar autodidata e ficar boa nisso eu *vou a pé* até Aparecida, tá aqui minha promessa (TWITTER: @GIRIOLLIR_, 2023).

Em (1a) e (1b), o padrão <ir de N> interage com a construção de deslocamento <[V]_{MOV} prep [SN]_{LOC}>. Nos dois casos, há a noção do deslocamento, com a explicitação dos destinos (*trabalho* em [1a]; *Flamengo* em [1b]), que é uma exigência da construção <[V]_{MOV} prep [SN]_{LOC}>. Para a construção <ir de N>, a exigência é que o *slot* N seja preenchido com o item lexical que designa o meio de locomoção (*ônibus* em [1a]; *metrô* em [1b]).

O dado de (1c) mostra que a explicitação do destino não é obrigatória para que a construção de locomoção <ir de N> seja instanciada. A única exigência da construção continua sendo a do item lexical que designa o meio de locomoção. Não caberia dizer, em termos

construcionais de orientação cognitivo-funcional, que a ‘construção de deslocamento’ <[V]_{MOV} prep [SN]_{LOC}> está na realização encontrada, mas não foi materializada linguisticamente, pois, para um modelo baseado em uso, ‘você tem aquilo que você vê’ (GOLDBERG, 2006). Ou seja, não se devem projetar construções abstratas que não se materializam no uso. Ainda assim, face à ausência da informação do destino em (1c), é admissível considerar que o próprio verbo *ir* evoca um *frame* de deslocamento, que, obrigatoriamente, tem um ponto de partida e um ponto final. Então, mesmo (1c) deixando o destino implícito, sabe-se que ele existe.

A sentença em (1d) tem duas importantes funções. A primeira é mostrar que a combinação das construções de deslocamento e de meio de locomoção não tem restrição de ordem. Portanto, é possível dizer “*vou de ônibus pro trabalho*”, como em (1a), ou “*foi para o trabalho de ônibus*” (1d). Parece ser uma questão de figura-fundo. (1a) coloca em mais evidência o meio de locomoção, ao passo que o (1d) destaca o destino do deslocamento. A segunda função da sentença em (1d) diz respeito à sequência “*andar de carro*”, que mostra que outros verbos de movimento podem aparecer no mesmo tipo de construção de meio de locomoção. No exemplo em (1e), “*viria de carro*”, corrobora tal constatação. Por último, (1f) mostra que não só a preposição *de* pode introduzir a informação do meio de deslocamento. Face ao exposto, resta analisar que os exemplos de (1a) a (1f) representam instâncias de um padrão <[V]_{MOV} prep [N]>, em que o *slot* do [N]⁹ deve ser preenchido por um item lexical que designa um meio de locomoção. O padrão <ir de N>, dentro dos exemplos de (1), é um padrão composicional, visto que o significado do todo se mostra previsível pelo significado das partes integrantes, e menos esquemático em relação ao esquema mais abstrato representado na Figura 2.

⁹ Note-se que não pode haver presença de um determinante acompanhando o nome em questão. Caso fosse possível, seria mais adequado usar um SN na contraparte formal da construção.

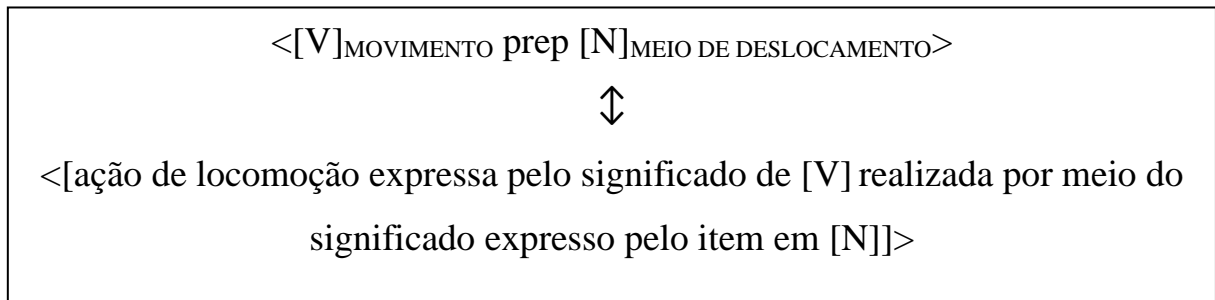


Fig. 2 Esquema de construção de movimento/deslocamento. Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

A segunda construção em que se observa a presença da sequência <ir de N> está relacionada aos exemplos em (2), que vão de (2a) a (2i).

- (2) a. *Manu foi de bruxa* pra festa da escola.. namoral, minha princesa é mt linda!! (TWITTER: @KAHHMONTEIRO01, 2018).
 b. rob falou q *vai de duende verde* p cinema amanhã kjkkkkk (TWITTER: @AFROEDY, 2021).
 c. As meninas *vão de Wandinha* pra escola amanhã... Kkk (TWITTER: @IAMARIELCARDOSO, 2022).
 d. [...] a nave é icônica!! no 3º ano do EM eu e minhas amigas *fomos de paquitas* e meu amigo de xuxa, as tias da cantina entraram em surto e tiraram mil fts com a gente ksksksk (TWITTER: @PEACHESDREWDY, 2021).
 e. Se estiver fininho, *vai fantasiado de termômetro* (Twitter: @CUNHA_FRED, 2023).
 f. o fred dizendo que ele *vai vestido de dummy* kkk (TWITTER: @TRIWIZAARD, 2023).
 g. Em homenagem a Xuxa ele *veio de paqueta* (TWITTER: @DANILOAB2, 2021).
 h. e eu *andando de paqueta* no meio da rua foi o melhor da noite !!! hahahahahahah (TWITTER: @CAROLINAABREUU, 2011).
 i. @cantordaniel me lembrou quando vc *cantou de palhaço* foi lindooo bjuss (TWITTER: @PATY01DANIEL, 2013).

Os exemplos em (2) apontam uma noção de fantasia, vestimenta etc. O verbo *ir* apresenta a noção de deslocamento e, nos exemplos de (2a) a (2c), há uma combinação com a <[V]_{MOV} prep [SN]_{LOCfesta da escola (2a), *cinema* (2b) e *escola* (2c). Nessa construção <ir de N>, o *slot* tem que ser preenchido com um substantivo (comum ou próprio) que designe algo que possa ser categorizado como uma fantasia: *bruxa* (2a), *duende verde* (2b) e *Wandinha Addams* (2c). Quando se combinam os padrões construcionais <[V]_{MOV} prep [SN]_{LOC}}

O exemplo em (2d) mostra que há a possibilidade de não haver a compatibilização com <[V]_{MOV} prep [SN]_{LOC}>. Nesse caso, o próprio *frame* do verbo *ir* aciona a ideia de deslocamento, e outros elementos, como EM (Ensino Médio) e tias da cantina, ajudam a compor o *frame* de escola, que se presume ter sido o destino do deslocamento. Nesse caso, em relação a <ir de N>, o N é preenchido por *paquitas*.

Em (2e) e (2f), há a realização dos participípios *fantasiado* e *vestido*, respectivamente. Esses participípios não são obrigatórios, como se pode ver em (2a-2d). Nesses casos em que esses elementos estão omissos, o *frame* de ocasiões especiais (carnaval, *halloween*, homenagem, festa à fantasia, estreia de filme) corrobora a interpretação de que <ir de N> significa <mover-se para algum lugar fantasiado/vestido/caracterizado de alguma coisa>. Essa caracterização, como já dito, deve envolver algo que possa ser tomado como uma fantasia ou uma vestimenta que foge ao ordinário.

Por fim, os exemplos em (2g-2i) mostram que outros verbos podem aparecer em construções com o mesmo sentido, sendo tanto verbos de movimento, como *vir* (2g) e *andar* (2h), quanto verbos com outro comportamento semântico, como *cantar* em (2i). Em todos esses casos, o agente executa a ação expressa pelo verbo principal vestido/fantasiado de algo que é expresso pelo substantivo instanciado no *slot* N da construção¹⁰. Essa constatação se aplica aos demais exemplos de (2a-2d). Logo, é possível concluir que a construção mais esquemática seja a representada na Figura 3.

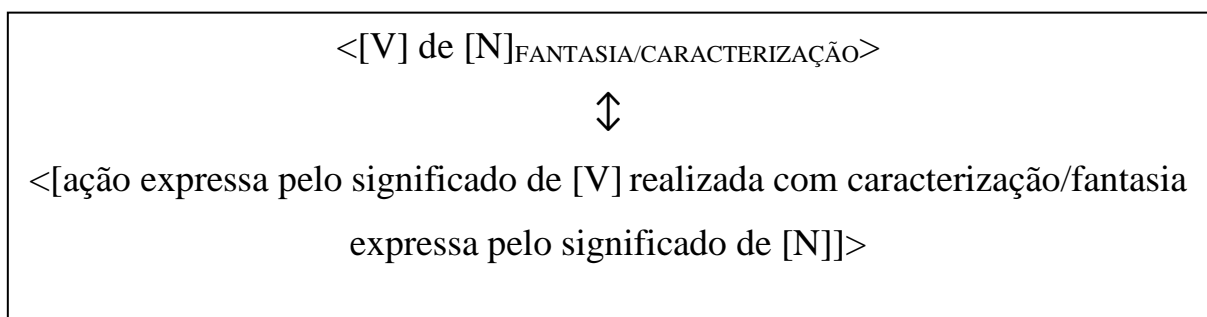


Fig. 3 Esquema de construção de fantasia-caracterização. Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

A última construção que também pode apresentar a contraparte formal <ir de N> está explicitada nos exemplos em (3), que vão de (3a) a (3f).

¹⁰ Também nesse caso, deve-se registrar a impossibilidade de um determinante acompanhar o nome que preenche o *slot* N.

- (3) a. tudo em mim é rock n roll mas hoje a noite *vou de samba* (TWITTER: @FRILIPERR, 2022).
 b. acho que *vou de pizza* pra acompanhar o Grammys (TWITTER: @DREASBRO, 2023).
 c. Um dia ela *vai de salada* e no outro pede três lanches (TWITTER: @FLAVIASANTANAAA, 2023).
 d. Acho que *vou de pagode*, amanhã tô de folga mesmo kkkkkk (TWITTER: @YHENRIQUE24, 2022).
 e. e *vamos de suruba* aqui em casa pra comemorar (TWITTER: @OFELIPEFEM, 2022).
 f. eu respeito mto ruffles mas *vou de doritos* (TWITTER: @CAROLESTEMPNIAK, 2022).
 g. Merecido também né miguim. Tanto lugar bom pra pedir rango, você *foi de Subway*, pela quarta vez. (TWITTER: @PEDRO_CUNHA23, 2020).

As realizações em (3), de (3a) a (3g), indicam a existência de uma construção com uma parte semifixa <ir de N>, sem restrição de marcas modo-temporais e/ou número-pessoais na flexão do verbo, como acontece nas construções trabalhadas por Andrade (2017), mencionadas na seção anterior. Diferentemente dos casos em (1) e (2), não há em (3) a possibilidade de preencher a posição do verbo com outro item que não seja o verbo *ir*. Vale também frisar que, em todos esses casos, o sujeito das sentenças em (3) é do tipo agente, alguém que tem controle sobre as suas ações e capacidade de fazer escolhas (OLIVEIRA, 2016). Quanto ao aspecto semântico, o significado da construção está ligado a uma ideia de adesão ou endossamento feita pelo sujeito agente. O N que figura no padrão <ir de N> dessa construção é preenchido por um substantivo comum ou próprio, não podendo haver determinante acompanhando o nome a ser compatibilizado. Não há restrição semântica em relação a esse item, uma vez que qualquer ser ou entidade pode ser alvo de uma escolha. A restrição semântica está mais relacionada ao sujeito da sentença. O verbo *ir* nessa construção é um verbo leve/verbo-suporte (VIEIRA, 2001; SOUZA GUERREIRO, 2021) e não possui mais o significado de deslocamento, tendo sido, portanto, metaforizado. Nota-se, também, que o verbo já não parece mais ser o elemento responsável pela evocação do *frame*. Ainda que o verbo tenha participação na construção do significado, em *ir de Doritos*, o verbo indica a ação de escolher, comer o Doritos, cabendo ao complemento fazer, de fato, a evocação do *frame*. Nesses termos, é possível representar a construção que instancia os dados de (3a) a (3g), como na Figura 4.

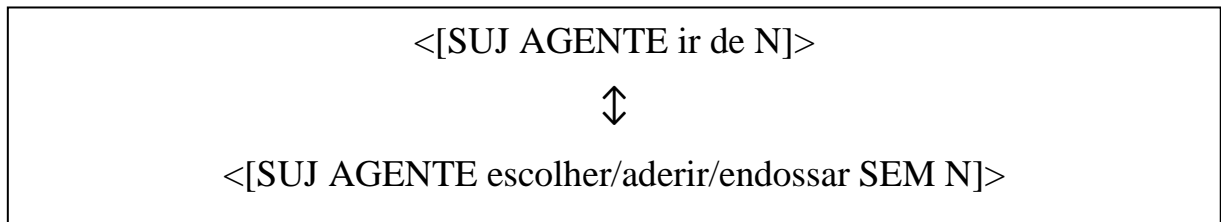


Fig. 4 Esquema de construção de adesão/escolha. Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Apresentadas os esquemas nas Figuras 2, 3 e 4, passa-se, agora, à construção de fim/morte/falência que tem em seu padrão formal <ir de N>. Alguns exemplos estão em (4), de (4a) a (4e):

- (4) a. prendi meu dedo na porta e quase *fui de olavo de carvalho*, pq q dor (TWITTER: @LESTEVESS, 2023).
 b. Gente a Bruna *foi de arrasta pra cima* no jogo. 3 amigas deram toque pra ela sobre o Gabriel, agora o Tadeu no ao vivo e ela ainda está dizendo que não tá entendendo nada (TWITTER: @MIKACAPELLA, 2023).
 c. Netflix cancelou a série da Blockbuster e agora ela mesma *vai de Blockbuster* (TWITTER: @TOXICDRAC, 2023).
 d. Parece que a Americanas *foi de Mesbla*... Só você que é um jovem idoso, entre 30 e 40 anos, entendeu as duas referências (TWITTER: @ESQUERDONOMISTA, 2023).
 e. ainda não dá pra acreditar q o pelé *foi de americanas.com* (TWITTER: @GU_LUCCHESII, 2023).

No exemplo em (4a), a realização *fui de Olavo de Carvalho* significa morrer. O contexto como um todo indica uma hipérbole com a ideia de morrer de dor. Nesse caso, Olavo de Carvalho é tomado metonimicamente pela sua morte. Em (4b), o exemplo *foi de arrasta pra cima*¹¹ toma como base a experiência de aplicativos de *smartphones* que são encerrados quando o usuário arrasta a janela para cima. Embora “ir de arrasta pra cima” possa indicar que alguém morreu, no contexto de (4b), está indicando apenas que a participante do programa *Big Brother Brasil* tomou atitudes que podem levá-la a se perder no jogo, como se envolver romanticamente com um participante que não é bem-visto pelo público. A morte, nesse caso, é metafórica. Em (4c) e (4d), *vai de Blockbuster* e *foi de Mesbla* indicam falência: a experiência de falência das redes Blockbuster e Mesbla norteia o entendimento da mesma experiência em relação à Netflix

¹¹ Entende-se nesse contexto que ‘arrasta pra cima’ é o nome do comando, assim como *play, pause, repeat, delete, stand by*. Muitas vezes, esses comandos, designados por verbos ou locuções verbais, são usados de forma substantivada, com base numa metonímia ‘botão/tecla pela função/comando’.

e às Lojas Americanas. Nesses casos¹², a morte também é metafórica: a falência é a morte de uma empresa. Por fim, em (4e), a experiência da falência é o domínio-fonte para explicar a morte de alguém: a falência das Lojas Americanas é usada para compreender a morte de Pelé.

O verbo *ir* nessa construção, assim como na de adesão, está envolvido em um *chunking* <ir de>. Segundo Bybee (2016), *chunking* é um processo mnemônico em que duas ou mais unidades que ocorrem juntas com determinada frequência passam a ser vistas como uma unidade, diminuindo o nível de composicionalidade, em alguns casos, mas, em se tratando desses exemplos com <ir de>, não há uma desvinculação total do significado original de deslocamento do verbo *ir*¹³. Nesse sentido, esta análise se aproxima daquela feita por Souza Guerreiro (2021), sobre algumas realizações do padrão <ir para SN>. Defende-se, aqui, que a construção <ir de N> produz instanciações da metáfora conceptual “A VIDA É UMA VIAGEM”. Nos termos de Lakoff e Johnson (2002), essa é uma metáfora estrutural que se desdobra em muitas outras, que herdam as suas propriedades. Segundo os autores, a partir da compreensão metafórica de que “A VIDA É UMA VIAGEM”, outras experiências significativas da vida são também compreendidas nesses termos. Por isso, essa metáfora estrutural é usada para tratar do nascimento, dos relacionamentos afetivos, da carreira profissional e da morte. Assim, identifica-se também a metáfora “A MORTE É UMA VIAGEM”, que pode ser identificada em várias expressões metafóricas de caráter eufêmico, como “Minha mãe *se foi*” (MORAES, 2022, n. p., grifo nosso), “Acabou de *partir para o infinito* um dos maiores poetas da nossa história” (PERSONALIDADES..., 2022, n. p., grifo nosso) e “Beth Carvalho *foi para o andar de cima* levar alegria a Cartola” (MANGUEIRA..., 2019, n. p., grifo nosso), além daquelas apontadas por Souza Guerreiro (2021). Assim como nos casos vistos por Souza Guerreiro (2021), há, com o padrão <ir de N> um espraçamento

¹² Nos casos das Lojas Americanas e da Netflix, não houve falência decretada. Em relação às Americanas, foi divulgado um rombo nas contas da empresa que muitos compreenderam que levaria essa rede à falência. Quanto à Netflix, o que houve foi a divulgação de medidas impopulares, como aumento de preço e limitação nos pacotes de serviço, e isso fez com que muitos sugerissem que essas medidas podem levar a plataforma de streaming à falência.

¹³ Isso pode estar relacionado ao subprincípio da persistência que se nota em diversos casos de gramaticalização. Segundo Hopper (1991), ao avançar para uma determinada categoria no *cline* de gramaticalização, o item não perde todas as propriedades da categoria-fonte. Por exemplo, no caso conhecido de gramaticalização em que o substantivo *mente* passou ao sufixo adverbializador *-mente*, a propriedade de gênero feminino do substantivo original ainda persiste na construção adverbial ADJ-mente, uma vez que essa construção restringe o gênero dos adjetivos que preenchem o *slot*, aludindo a uma concordância nominal que aconteceu em outros tempos.

metafórico em que a experiência da morte é usada para conceptualizar outras experiências cotidianas.

A origem da construção vista em (4a)-(4d) parece estar relacionada à expressão *ir de base*, usada no universo dos jogos eletrônicos. Essa construção aparece registrada no *Dicionário Informal*, um *site* brasileiro em que os usuários cadastram palavras e expressões, bem como suas definições, o que permite, em muitos casos, identificar diferenças entre regiões e grupos sociais. No verbete *ir de base*, do *Dicionário Informal*, a expressão é definida como “Morrer em meio a uma partida, normalmente de jogos eletrônicos” (DICIONÁRIO INFORMAL, n. p., 2021) e “Sinônimo de ir embora ou desfalecer-se dependendo do contexto” (DICIONÁRIO INFORMAL, n. p., 2022). Em matérias sobre expressões típicas do universo *geek/gamer*, como as feitas pelos portais *Tecmundo* (PALMEIRA, 2022) e *EBAC Online* (VAZ, 2023), entre os anos de 2022 e 2023, a tendência é considerar <ir de base> como a primeira dessa série das construções. Essas informações orientam o tratamento de <ir de base> como a construção mais fixada ou institucionalizada, sendo considerada, neste artigo, como a construção-modelo.

É possível considerar que a construção <ir de base> tenha sido, originalmente, uma instanciação da construção <[V]_{MOV} prep [N]>, uma vez que, com base nas fontes aqui mencionadas, nos jogos eletrônicos¹⁴, quando se diz que um usuário *foi de base*, há duas interpretações: (a) o jogador foi morto no jogo e **retorna à base**, um espaço específico do jogo onde ele se inicia; (b) o jogador **voltou à base** para se regenerar e recuperar energias vitais, desligando-se dos espaços de lutas que mobilizam o jogo. Nesse segundo sentido, o jogador torna-se temporariamente inútil em relação às práticas de combate. Assim, na construção “ir de base”, *base* pode representar metonimicamente tanto o *frame* da morte quanto o do desligamento.

As duas interpretações de <ir de base> implicam uma ideia de movimento, mesmo que de maneira secundária ou remota. Não se pode negar que o que passa a ser evidenciado na construção <ir de base> é a ideia de morte ou indisponibilidade. Assume-se, neste artigo, que na trajetória da construção em questão, houve uma reanálise, conceito proposto por Langacker

¹⁴ Ainda que muitos jogos eletrônicos sejam produtos norte-americanos difundidos internacionalmente, não há evidências de que <ir de base> seja uma tradução ou decalque de uma expressão original do inglês. Mesmo que essa informação careça de evidências empíricas, vale mencionar que alguns falantes de inglês (nativos ou estrangeiros) que conhecem a expressão <ir de base> e suas congêneres tendem a apontá-las como idiomatismos do português brasileiro intraduzíveis para o inglês, não reconhecendo, portanto, realizações como <*he went base*> e <*he went Drake & Josh*>, como possíveis eufemismos para a morte (ASTROPHYSICS, 2023).

(1977), que, segundo Silva (2012), diz respeito “uma reinterpretação da estrutura sintática de uma construção sem que necessariamente se produza uma alteração na manifestação externa dessa construção” (SILVA, 2012, p. 10). Assim, mesmo que <ir de base> formalmente se enquadre como uma realização de <[V]_{MOV} prep [N]>, houve uma reinterpretação da construção, e o novo significado pode ser percebido nas diversas realizações reproduzidas em (5).

- (5) a. Vou resenhar um pouco com a Lellany e depois *vou de base* (TWITTER: @FERNANDESDROPE, 2016).
- b. arram, eu tava cm ele quase ag, ele *foi de base* (TWITTER: @JPURO22, 2016).
- c. tô *indo de base*, amanhã vídeo novo do pai, já botei até alarme pra acordar cedin (TWITTER: @ZEROTCIV, 2018).
- d. O Safadão quase *foi de base* estou em choque (TWITTER: @FRANCAKRL, 2018).
- e. operar a cabeça amanhã se eu não postar nada até as 15:30 eh pq *fui de base* (TWITTER: @ARTURMFP_, 2020).
- f. Silvio santos infelizmente *vai de base* pode printar isso e cobrar até dez/2021 (TWITTER: @NOTISMEDINAA, 2020).
- g. nossa zika achei que meu PC *ia de base* agora deu um estalao na rua o pc desligo (TWITTER: @_CAIOZINN, 2018).
- h. Meu celular *foi de base* logo hoje to sortudo viu (TWITTER: @_GABRIELMSO, 2018).
- i. Meu tornozelo *foi de base* #partiuhospital (TWITTER: @B19BRIEL, 2018).

Os exemplos em (5) evidenciam três significados diferentes associados a <ir de base>. No entanto, esses significados estão ligados por *links* metafóricos. Em (5a-c), o significado de <ir de base> é *dormir*. Em (5d-f), o significado é morrer. Em (5g-i), por fim, a ideia parece ser de tornar-se inutilizável. A experiência da morte envolve perda de funções vitais, o que inclui habilidades motoras e cognitivas, como a capacidade de controle e consciência. Embora não haja perda de funções vitais na experiência do sono, há perdas de capacidade de controle e consciência, o que aproxima, de alguma forma, as duas experiências. Não raramente, aparecem expressões metafóricas com *dormir* e *descansar* para tratar da morte. O fim da vida útil de um objeto eletrônico, em (5g-h), é compreendida metaforicamente pela experiência da morte. Em (5i), embora não se possa falar de fim de vida útil, é admissível dizer que a inutilização de uma parte do corpo envolve a privação de suas propriedades naturais, o que seria uma espécie de morte. Em síntese, assume-se que a construção <ir de base> se aplica a variados contextos de

uso, todos eles ligados metaforicamente e evocando um mesmo *frame* geral de fim. E é a partir desse *frame* maior ligado à ideia de fim que surgem os seus desdobramentos, *subframes* ligados à morte, ao fim da vida útil de um objeto, ao ato de finalizar o dia e ir dormir etc.

É interessante perceber, também, como, neste caso, *ir*, mais uma vez, não participa ativamente do processo de evocação de *frame*. O elemento *de base* é que é responsável por ativar a estrutura conceptual que, aqui, está sendo utilizada como uma interpretação da morte ou do fim. O mesmo acontece nos exemplos anteriores, como *foi de Mesbla* ou *vai de Blockbuster*, uma vez que é o significado atrelado a *Mesbla* e a *Blockbuster* que evocam o *frame* de morte/fim/falência. Em termos construcionais, pode-se dizer que os referidos construtos herdam do elemento que preenche o *slot*¹⁵ o *frame* de morte/fim/falência, evidenciando mais uma vez o caráter suporte de *ir* nessa construção. Importa chamar a atenção, contudo, para o fato de que o verbo ainda assim contribui com a ideia de se deslocar para algum lugar, ainda que de modo metafórico, demonstrando de que forma essas expressões se enquadram na metáfora “A VIDA É UMA VIAGEM”. Outro ponto que merece destaque é que as instanciações oriundas de *ir de base* (como *ir de Olavo de Carvalho*), ao funcionarem como uma extensão da construção original (*ir de base*), têm seu significado facilmente compreendido pela comunidade de falantes que usa ativamente esse tipo de expressão. Isso significa que, ao se deparar com um caso como *quase fui de Olavo de Carvalho*, *Olavo de Carvalho* está ativando o mesmo *frame* ativado por *de base*. Há, aqui, um conjunto heterogêneo de expressões linguísticas – que vão de *Americanas a arrasta pra cima* – evocando a mesma estrutura conceptual a partir de um processo de analogização.

A analogização parece ser o conceito-chave para entender a criação de formas <ir de N> a partir da construção-modelo <ir de base>. Segundo Fischer (2009), trata-se de um mecanismo cognitivo de orientação metonímica em que, a partir de uma estrutura fixada, novas estruturas são criadas de forma instantânea e seriada. No caso aqui analisado, as construções que se derivaram dela por analogização herdam a mesma propriedade polissêmica que se viu nos exemplos com <ir de base>. Isso se confirma quando se observam os exemplos em (6).

¹⁵ Sobre a herança semântica dos elementos que preenchem o *slot* das construções, Simões Neto (2020) mostra como, em variados processos de formação de palavras, o significado desse elemento pode ser herdado metafórica ou metonimicamente.

- (6) a. cheguei do baba agora e fiquei sabendo que o mano Pelé *foi de maradona*. (TWITTER: @DUDSTHEFATO, 2022).
 b. Twitch *foi de Google Reader* mesmo ou só aqui?. (TWITTER: @GABOREALOFICIAL, 2023).
 c. O twitter *foi de Rainha Elizabeth*. (TWITTER: @TAETAEGALY, 2023).
 d. Já que Michael Jackson *foi de Drake e Josh*, poderia usar o Rodrigo Teaser mesmo (TWITTER: @JUANMINGAU, 2023).
 e. uai, o papa do mal *foi de Guilherme de Pádua*? (TWITTER: @BLASFEIMUS, 2023).
 f. Americanas *foi de Guilherme de Pádua* (TWITTER: @FABIELEOSON, 2023).
 g. spotify *foi de guilherme de padua* (TWITTER: @KHALIFVCX, 2023).
 h. Contrato com a Minas Arena *foi de Guilherme de Pádua* (TWITTER: @MALOQUEIRO_AZUL, 2023).
 i. a Netflix *vai de americanas* daqui a pouco. Entregando nada e dificultando muito (TWITTER: @CHICONETODISSE, 2023).
 j. o site da inep *foi de americanas* (TWITTER: @TUUUTTS, 2023).
 k. Minha vontade de viver depois disso *foi de americanas* (TWITTER: @ELOA_SFC, 2023).
 l. gloria maria *foi de americanas* mano q fita (TWITTER: @SEUAMORZINHOOOO, 2023).

Os exemplos em (6) servem para mostrar a dinamicidade do mapeamento metafórico acionado pela construção <ir de N> presente nesses dados. Em (6a), a morte do futebolista argentino Diego Maradona foi usada para tratar da morte do futebolista brasileiro Pelé, ou seja, a morte de um para entender a morte do outro. Em (6b), a indisponibilidade do aplicativo *Google Reader*, em função de ter saído de linha, é usada para tratar da indisponibilidade da plataforma de *streaming Twitch*, em razão de problemas técnicos. Nesses dois casos, as experiências mapeadas são do mesmo tipo, mas (6c) e (6d) mostram que isso pode variar. Em (6c), a morte da Rainha Elizabeth é usada para falar de problemas técnicos relativos ao *Twitter*, rede social da internet. Já em (6d), o fim do programa *Drake e Josh* é usado para abordar a morte do cantor Michael Jackson.

Ainda no bojo da questão da dinamicidade dos usos, em (6e-h), são apresentadas realizações do padrão <ir de Guilherme de Pádua>, ao passo que, em (6i-l), estão diferentes usos de <ir de Americanas>. Na construção <ir de Guilherme de Pádua>, a morte do ex-ator e pastor evangélico é o domínio-fonte para entender os seguintes eventos: (a) a morte do Papa Bento XVI, em (6e); (b) a possível falência das Lojas Americanas, em (6f); (c) a indisponibilidade da plataforma *Spotify*, em (6g); (d) a extinção do contrato de concessão do Mineirão, feito entre o Estado de Minas Gerais e a empresa Minas Arena, em (6h). Já em relação

à construção <ir de Americanas>, nota-se que a imaginada falência da empresa é o domínio-fonte para compreender os seguintes eventos: (e) a provável falência da plataforma de streaming Netflix, em (6i); (f) a indisponibilidade do site do INEP por problemas técnicos, em (6j); (g) a perda de ânimo, conceptualizado como um ser vivo, em (6k); (h) a morte da jornalista e apresentadora Glória Maria, em (6l). Ao fim, assume-se que a construção apresentada nos exemplos em (4), (5) e (6) possa ser esquematizada como na Figura 5.

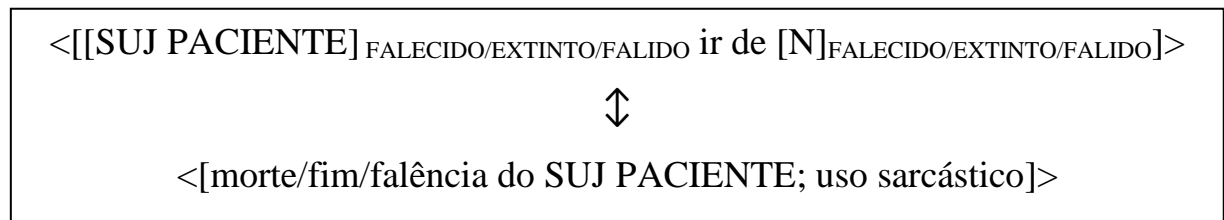


Fig. 5 Esquema de construção de fim/morte/falência. Fonte: Elaborada pelos autores (2023).

Do ponto de vista formal, o esquema na Figura 5 especifica a presença do verbo *ir* e da preposição *de*. Esses elementos são fixos e inseparáveis na construção, não havendo possibilidade de trocar por outro verbo de movimento ou por outra preposição, como aconteceu em outras construções apresentadas neste artigo. Optou-se, na esquematização da Figura 5, incluir o sujeito das sentenças como parte da construção. Esse sujeito corresponde a um primeiro *slot* e pode ser preenchido com qualquer sintagma nominal, desde que esse possa assumir um papel semântico de paciente¹⁶. O segundo *slot* é o nome que sucede a preposição *de*. O nome que preenche esse segundo *slot* não pode ser precedido por um determinante, o que inviabiliza colocar o rótulo SN nessa segunda parte variável. Do ponto de vista semântico, o esquema indica eventos de *morte*, *fim*, *falência* e outras situações congêneres. Não há a necessidade de postular essa diferença por meio de subesquemas, uma vez que o entendimento de que seja um significado ou outro vai depender dos elementos compatibilizados com essa construção, ou seja, é uma questão que está para além do esquema delimitado na análise. Vale ressaltar que tanto o sujeito do primeiro *slot* quanto o nome do segundo *slot* devem evocar um

¹⁶ A definição do que vem a ser o papel semântico *paciente* não é fácil de se fazer. Para os exemplos apresentados, pode haver autores que prefiram tratar como sujeito experienciador, quando se refere à morte, ou sujeito tema, quando se refere à falência de uma empresa ou à falha de um aparelho ou aplicativo. Oliveira (2016) apresenta uma proposta de análise dos papéis de agente e paciente, baseando-se na Teoria dos Protótipos, de Lakoff (1987), e defende a existência de pacientes prototípicos e não prototípicos. Assim, ainda que os casos apresentados possam não ser prototípicos, os sujeitos não deixam de ser pacientes, já que eles são afetados pelos eventos apresentados nas sentenças.

frame de morte/fim/falência, sendo o sujeito preponderante para determinar qual o tipo de evento reportado na realização. Por fim, importa mencionar que esse evento é abordado sempre com teor pejorativo, sarcástico e/ou mórbido, aspecto pragmático que também caracteriza essa construção.

Considerações finais

Neste artigo, abordou-se a construção <[SUJ PAC] IR DE [N] ↔ FIM/MORTE/FALÊNCIA do [SUJ PAC]>, que tem sido usada por falantes do português brasileiro, principalmente no âmbito das redes sociais da internet. Esse esquema construcional, que tem como instanciações *ir de Olavo de Carvalho*, *ir de Mesbla*, *ir de Blockbuster* e *ir de Americanas*, parece ter se originado em *ir de base*, construção usada em jogos eletrônicos, cujo significado aponta para as noções de morte e indisponibilidade. Dessa primeira construção, pelo mecanismo de analogização, outras foram sendo construídas. O esquema tem se mostrado produtivo no português brasileiro, uma vez que, a todo instante, novas construções, mais específicas, têm sido cunhadas.

As construções com o verbo *ir* são bastante conhecidas nos estudos linguísticos do português. Foram apresentadas, pelo menos, quatro delas na seção de revisão do fenômeno. Tais construções, embora se relacionem com a construção estudada, se diferenciam tanto formal quanto semanticamente. No quadro de análise, mostrou-se que a contraparte formal <ir de N> está associada a outras construções com significados de locomoção (acordei cansado, já vi que não vou de ônibus pro trabalho), fantasia (As meninas vão de Wandinha pra escola amanhã) e adesão/escolha (Um dia ela vai de salada e no outro pede três lanches). O N que preenche cada uma dessas construções, incluindo a de morte/fim/falência, possui restrições semânticas, e esse é um dos fatores que permitem dizer que são construções diferentes que devem ser representadas por esquemas diferentes, o que não quer dizer que as construções não estejam ligadas por relações de herança.

Na abordagem da construção de morte/fim/falência, defendeu-se que o verbo *ir* funciona como um verbo-suporte (verbo leve), uma vez que é possível notar que não é ele o elemento responsável pela evocação do *frame*. No caso de uma frase como *Ele foi de carro*, há um caso clássico de evocação de *frame* pelo verbo (*ir* → *frame* DESLOCAMENTO, de forma literal).

Contudo, em casos como *Ela vai de bruxa* e *Eu quase fui de Olavo de Carvalho*, não é isso que acontece. No primeiro, o complemento é que está evocando a estrutura conceitual, aqui um *frame* de FANTASIA. O verbo *ir* ainda participa da construção do significado, contudo, uma vez que alguém *vai* a uma festa, por exemplo, usando uma fantasia. O mesmo ocorre com os casos do tipo *Decidi ir de Doritos*, em que o complemento ativa um *frame* de ESCOLHA.

No quadro geral, a análise se orientou por duas hipóteses. A primeira foi a de que as instanciações do esquema construcional <[SUJ PAC] IR DE [N] ↔ FIM/MORTE/FALÊNCIA do [SUJ PAC]>, são também instanciações da metáfora estrutural “A VIDA É UMA VIAGEM”, mais especificamente de A MORTE É UMA PARTIDA. Nos termos de Lakoff e Johnson (2002) e Lakoff (1993), as metáforas conceituais são organizadas em esquemas de herança. Assim, se a vida é compreendida como uma viagem, eventos significativos da vida também o são. A morte, sendo uma experiência significativa, é entendida no esquema de viagem também. Por fim, quanto a esse aspecto, vale ressaltar que os dados das construções de morte com <ir de N> apontaram uma complexa rede metafórica em que experiências de morte foram usadas para compreender experiências de falência e indisponibilidade, e o contrário também aconteceu, o que permite sugerir que esquemas metafóricos podem não ser unidirecionais, como se defende nas abordagens mais tradicionais da Teoria da Metáfora Conceptual.

A segunda hipótese envolveu o mencionado mecanismo de analogização a partir da construção-modelo *ir de base*. Uma vez que se estabeleceu o esquema <[SUJ PAC] IR DE [N] ↔ FIM/MORTE/FALÊNCIA do [SUJ PAC]>., o falante passou a compatibilizar com a construção nomes que evocam frames relacionados a morte/fim/falência. Notou-se que, nesse processo de compatibilização, o mecanismo conhecido como metonímia teve um papel relevante, pois, a partir de um esquema cognitivo TODO PELA PARTE, as construções instanciadas herdaram parte da estrutura conceitual (ou *frame*) acionada, como *Olavo de Carvalho* pela sua morte, *Mesbla* pela sua falência e *Google Reader* pela sua indisponibilidade na linha de aplicativos do grupo Google. Cabe salientar que nessa categoria das instanciações da construção analisada, a evocação de *frame* ocorre de forma muito particular aqui, uma vez que elementos como *Americanas* e *Olavo de Carvalho* funcionam como meros *stand-ins* para algo relacionado ao fim ou à morte. O que se quer dizer com isso é que a evocação do *frame* não é direta, ela passa primeiramente pelo processo de analogização mencionado: *Ir de Americanas* significa morrer ou ter seu fim decretado porque a *Americanas* faliu, e a falência representa a morte.

Referências

ANDRADE, M. A. S. *Construções gramaticais com ir no português brasileiro contemporâneo*. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

ASTROPHYSICS. I got back to my studies of language and recently in brazillian culture there's been a rise of all sorts of euphemism which are mostly untranslatable. I did my best to translate these expressions and show what is going on with brazillian morbid sense of humour. [Rio de Janeiro], 5 jan. 2023. Twitter: @astrosynth. Disponível em: <https://twitter.com/astrosynth/status/1611150135609937920>. Acesso em: 1º abr. 2023.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMARA JÚNIOR., J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

EVANS, V.; BERGEN, B. K.; ZINKEN, J. *The Cognitive Linguistics Reader*. Londres: Equinox Publishing, 2007.

FERRARI, L. Gramática Cognitiva e conceptualização do espaço: a construção [IR PREP SN (LOC)] no português brasileiro. In: OLIVEIRA, M. R. (org.). *Articulação do espaço no português: uma abordagem cognitivista, funcionalista e construcional*. Campinas: Pontes, 2023. p. 59-82.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, New York, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.

FILLMORE, C. Semântica de frames. Tradução: Galeno Fae da Silva. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 25, p. 25-54, 2009.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? *Vienna English Working Papers*, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 3-23. 2009.

GOLDBERG, A. E. Construções: uma nova abordagem teórica para a linguagem. Tradução: Jéssica Aguirre. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 31, p. 189-203, 2012.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (org.). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35. v. 1.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IR DE BASE. In: DICIONÁRIO Informal. [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/ir+de+base/>. Acesso em: 1º abr. 2023.

IR DE BASE. In: DICIONÁRIO Informal. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/ir+de+base/>. Acesso em: 1º abr. 2023.

KÖVECSSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. Nova York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. (org.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. In: LI, C. (ed.). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57-139.

LOPES, C. R. S. Tópicos de história do português pelo viés da gramaticalização. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 197-209, 2015.

MANGUEIRA: Beth Carvalho ‘foi para o andar de cima levar alegria a Cartola’. *Jovem Pan*, São Paulo, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://jovempan.com.br/entretenimento/musica/mangueira-beth-carvalho-foi-para-o-andar-de-cima-levar-alegria-a-cartola.html>. Acesso em: 19 abr. 2023.

MORAES, L. A. Minha mãe se foi. *Correio Juquery*, [s. l.], 12 ago. 2022. Disponível em: <https://correiojuquery.com.br/minha-mae-se-foi/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

OLIVEIRA, M. F. O agente e o paciente na perspectiva de protótipos. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 37, p. 105-123, 2016.

PALMEIRA, C. Foi de arrasta pra cima? Foi de base? Saiba o que significam as expressões. *Portal Tecmundo*, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/257334-base-comes-bebes-saiba-significam-expressoes.htm>. Acesso em: 1º abr. 2023.

PERSONALIDADES lamentam morte de Thiago de Mello, “um dos maiores”. *PCdoB*, [s. l.], 14 jan. 2022. Disponível em: <https://pcdob.org.br/noticias/personalidades-lamentam-morte-de-thiago-de-mello-um-dos-maiores/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ÁLVARO, P. T.; FERRARI, L. (org.). *Linguística Cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2016. p. 20-41.

RAMMÉ, V.; WACHOWICZ, T. C. Análise da expressão do deslocamento no português brasileiro (PB) dentro da nanosintaxe: respostas para a variação. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 18, p. 185-202, 2014.

SCHABARUM, J. R. *A metáfora em videoaulas: um estudo acerca dos aspectos pedagógicos, discursivos e cognitivos*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

SILVA, A. S. Gramaticalização, reanálise e subjectificação. Para uma revisão do conceito de gramaticalização. In: SANTIAGO-ALMEIDA, M.; LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *História do Português Paulista*. Campinas: UNICAMP: Publicações do Instituto de Estudos da Linguagem, 2012. p. 25-44. Série Estudos. Vol. III. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/290789590_Gramaticalizacao_reanalise_e_subjectificacao_Para_uma_revisao_do_conceito_de_gramaticalizacao. Acesso em: 12 abr. 2023.

SIMÕES NETO, N. A. A herança semântica na formação de palavras: uma análise de construções morfológicas de línguas românicas. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 68, p. 743-775, 2020.

SONG, S. Metaphor and Metonymy - A Tentative Research into Modern Cognitive Linguistics. *Theory and Practice in Language Studies*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 68-73, 2011. Disponível em: <https://www.academypublication.com/issues/past/tpls/vol01/01/10.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SOUZA GUERREIRO, S. C. G. Estudo experimental das construções com verbo-suporte (“ir para o céu”, “ir para o inferno”, “ir para as cucuias”, “ir para o beleléu”). *Revista E-escrita*, [s. l.], v. 12, p. 145-166, 2021.

SOUZA, D. S. *Entre conceitos e conce(p)tos: uma proposta teórico-metodológica na interface entre a onomasiologia, a Lexicografia e a Semântica Lexical Cognitiva*. 2019. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução: Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.

VAZ, J. Eu tanko, tu tankas: entenda as expressões do mundo gamer. *Portal EBAC*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://ebaonline.com.br/blog/dicionario-gurias-gamer>. Acesso em: 1º abr. 2023.

VIEIRA, M. S. M. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

Americanas foi de Mesbla, Netflix vai de Blockbuster and eu quase fui de Olavo de Carvalho: the end/death/bankruptcy construction with the <[IR DE N]> in contemporary Brazilian Portuguese

Abstract: In this article, we propose an analysis of a recent construction in Brazilian Portuguese, represented by the formal pattern <[ir de N]> and associated to the meaning of end/death/bankruptcy. Some examples that were found are: “A Americanas foi de Mesbla”, “spotify foi de guilherme de padua” and “prendi meu dedo na porta e quase fui de Olavo de Carvalho”. The instances found were collected from texts written by Twitter users and analyzed under the theoretical principles of Usage-Based Construction Grammar (GOLDBERG, 2006, 2012; PINHEIRO, 2016; BYBEE, 2016; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021) and Cognitive Semantics (LAKOFF, 1993; LAKOFF; JOHNSON, 2002; FILLMORE, 2009). The interpretation of the data found was based on the following hypotheses: (a) the death/end/bankruptcy <[ir de N]> construction is an instance of the “LIFE IS A JOURNEY” conceptual metaphor; (b) this construction is a result of a cognitive process of analogizing (FISCHER, 2009; BYBEE, 2016) in which, coming from the construction *ir de base*, commonly used in the electronic games, others were created using the same cognitive mechanism.

Keywords: Ir verb; Syntactic-semantic scheme; Conceptual metaphor; Construction Grammar.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2023.

Aceito em: 30 de março de 2023.